

COSTUREIRAS: ALINHAVOS DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

■ MAILSA CARLA PINTO PASSOS

<https://orcid.org/0000-003-1204-4505>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ RITA MARISA RIBES PEREIRA

<https://orcid.org/0000-0002-8605-3394>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ VIRGÍNIA DE OLIVEIRA SILVA

<https://orcid.org/0000-0002-7241-4427>

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este artigo apresenta registros e reflexões acerca da produção e das primeiras exibições do filme de curta-metragem “Costureiras”, documentário que tem por matéria-prima memórias e histórias de vida e de costura de quatro mulheres, com idades entre 60 e 90 anos, que estruturaram suas vidas a partir da profissão de costureira. Em suas narrativas autobiográficas colocam em debate o lugar histórico-social da profissão de costureira e sua relação com a educação das mulheres. Afetos e saberes populares são colocados em cena permeados por questões de gênero, raciais e de classe, bem como traçam um panorama das transformações que a profissão vai sofrendo ao longo do tempo. O texto foca aspectos da produção do documentário e, também, temas que foram ganhando relevância nos debates que se seguiram às exibições do filme. Destacamos o fato de que o filme tem provocado os espectadores a relatar suas histórias pessoais com a costura – a infância entre retalhos e brincadeiras no pedal da máquina, a máquina de costura como um objeto de importância familiar, a costura como um trabalho feminino que permitia às mulheres estarem próximas de seus filhos e garantirem seu sustento e educação. **Palavras-chave:** mulheres; costureiras; saberes populares; práticas culturais

ABSTRACT

SEAMSTRESSES: BASTING STITCHES STORIES AND MEMORIES

The present article depicts records and reflections about the short film “Seamstresses” (“Costureiras”, in Portuguese) production and

first screenings, a documentary that shows as its raw material four women's memories and their lifetime stories, with ages between 60 and 90, who structured their lives as seamstresses, hence the title, debating in their autobiographical narratives the historical-social place of the seamstress profession and its relationship with women's education. Affections and popular knowledge are put on the screen, permeating gender, racial and class issues, also providing an overview of changes that the profession undergoes over time. The text focuses on aspects related to documentary production, as well as themes that gained relevance in the debates ensuing the film's screenings. We highlight the fact that the film has evoked viewers' remembrance, somehow relating their personal stories to sewing - the childhood between the machine's pedal and fabric flaps, the sewing machine as a symbol of family importance and the sewing as a feminine work that allowed women to be close to their children and ensure their livelihood and education.

Keywords: Women; Seamstresses; Popular Knowledge; Cultural Practices

RESUMEN

COSTURERAS: ILVANES DE HISTORIAS Y RECUERDOS

Este artículo presenta registros y reflexiones sobre la producción y las primeras proyecciones del cortometraje "Costureiras", un documental que tiene como materia prima recuerdos e historias de vida de cuatro mujeres, de entre 60 y 90 años, quienes estructuraron sus vidas desde la profesión de costurera. En sus narraciones autobiográficas debaten el lugar histórico-social de la profesión de costurera y su relación con la educación de las mujeres. Los afectos y el conocimiento popular se ponen en escena impregnados de cuestiones de género, raciales y de clase, y proporcionan una visión general de los cambios que experimenta la profesión a través del tiempo. El texto se centra en aspectos de la producción documental, así como en temas que fueron ganando relevancia en los debates que siguieron a las proyecciones de la película. Destacamos el hecho de que la película ha provocado que los espectadores relacionen sus historias personales con la costura: la infancia entre retazos y bromas al ritmo del pedal de la máquina de coser, la costura como un objeto de importancia familiar, la costura como un trabajo femenino que permitió a las mujeres estar cerca de sus hijos y garantizar su sustento y educación.

Palabras llave: mujeres; costureras; conocimiento popular; practicas culturales

Figura 1: Cartaz de Costureiras – Foto Breno César.



Acervo: Projeto Cinestésico.

“Enquanto contava, mostrava com as mãos como fazia [...] e ao mostrar, ao contar, ela me ensinava”

Ecléa Bosi (1994, p. 162)

Que mãos teceram as roupas que você está usando? Em que condições foram feitas? Que histórias guardam? Como essas histórias dialogam com a sua? São questões como estas que dão vida ao documentário *Costureiras*, curta-metragem de 15 minutos, dirigido e roteirizado pelas autoras deste texto, que apresenta as histórias de quatro costureiras, arrematando

o miúdo da vida cotidiana com temas amplos e complexos da cultura, educação, economia, trabalho, política, questões raciais e de gênero.

Costureiras nasceu entrelaçando histórias e afetos e parece ser este também o seu destino. Nasceu de uma conversa afetiva e a cada exibição abre-se, pelos afetos, a outras histórias. Foi em uma conversa, em que falávamos do desejo de fazer um filme juntas, as três,¹ que nascia a

1 Mailsa Passos e Virgínia de Oliveira Silva fizeram, em 2014, *Diabolín*, curta-metragem que conta a história de um artista de rua do Recife e Olinda/PE. O filme está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q77cVGXfUvQ>>. Mailsa também havia realizado

ideia e o argumento de *Costureiras*. Pautadas na compreensão de que um filme precisa contar uma história, começamos a circular ideias e uma de nós, Rita, trouxe para a conversa a história de Ivone Bittencourt Madureira, senhora que mora no Rio Grande do Sul e que, não bastasse cantar lindamente com voz empostada típica da “era do rádio”, criou seus oito filhos com o seu trabalho na máquina de costura. Ela trabalhava como secretária-chefe em uma indústria de laticínios, na cidade de Rio Grande, e, quando decidiu ser mãe, parou de trabalhar na indústria, para poder ter seus filhos e criá-los. Como costurava bem, resolveu trabalhar em casa, costurando, que seria uma forma de poder estar junto à prole e garantir o próprio sustento.

As histórias de Dona Ivone, em nossa conversa, puxaram os fios da história de Virgínia, que, emocionada, imediatamente buscou em sua mochila a fita métrica que pertencera a seus pais, nascidos na Paraíba e primos de primeiro grau – ele, Virgílio Antônio da Silva, alfaiate, ela, Severina Oliveira Silva – Dona Didi – costureira. Tal fita, como um amuleto ancestral nas mãos de Virgínia, dava a métrica das histórias de costura que constituíram a sua história: Seu Virgílio (dependendo do local e das pessoas com quem estivesse, poderia ser também de Guil, Terilene, Bigode, Pestana...) tinha uma barraca na antiga Feira de São Cristóvão, que ficava no anel externo ao Pavilhão e não dentro dele, como a feira se encontra atualmente. Próxima à Rodoviária da Cidade do Rio de Janeiro, a Feira era um tradicional ponto de encontro dos nordestinos que

anteriormente, *Magdalena, a imaginação também é minha*, com depoimento da artista plástica negra, empregada doméstica aposentada, Magdalena Santos, contando suas memórias e seu processo de criação. O filme pode ser acessado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xzBGz02WL-Q>>. Virgínia realizou também *Adiós, Jampa Vieja!* – documentário de 15 minutos, João Pessoa/PB, 2013, cujo roteiro foi premiado pelo Governo do Estado da Paraíba – Secretaria de Estado da Cultura – Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos – FIC – Edital Nº 002 / 2012 – FIC – Linduarte Noronha. Disponível em: <<https://vimeo.com/74184008>>.

havam migrado para o Rio de Janeiro nos anos 60 e 70 motivados pela seca e pela escassez de políticas públicas para a região nordeste². A barraca de Seu Virgílio servia tanto como referência comercial dos serviços de alfaiataria, que ele oferecia a seus clientes, como era também ponto de encontro afetivo entre ele, seus parentes e amigos migrados do Estado da Paraíba.

Nesse pedacinho de território tipicamente nordestino, em pleno Sudeste, Seu Virgílio comparecia dominicalmente para, ao som de trios de forró ou de duplas repentistas, mais que atender às solicitações e realizar as entregas de ternos, coletes ou calças compridas, degustar os pratos típicos do Nordeste, realizar trocas de cartas e de encomendas, tecer memórias passadas, rememorando “causos” e lembranças, mas também para costurar planos futuros nas combinações de viagens de carro, rachando-se a gasolina e o volante, para o retorno à terra natal, na próxima Folia de Reis ou nos festejos de São João – quem sabe?

Dos 10 aos 15 anos de idade, Virgínia adorava acompanhar seu pai, aos domingos, naquela sinestésica Feira de São Cristóvão, talvez por ser o maior elo que ela experimentava com o mundo exterior à sua casa e, visto assim e agora, tão íntimo e próximo de algo que ela ainda não sabia, mas que seria, no futuro, a sua própria casa: a Paraíba. Dona Severina, ou simplesmente Dona Didi, costurava, sob medida, camisas sociais, bermudas, shorts, vestidos, saias, sempre em casa e rodeada pelos quatro filhos pequenos do casal (Virgílio Filho, Vilma, Virgínia e Vinício), desdobrando-se para dar conta de toda a responsabilidade sem tré-gua que isso demandava.

Dona Didi cuidava de suas costuras – tirar as medidas dos e das clientes, comprar as fazendas e os aviamentos, cortar e costurar os tecidos, provar as roupas no corpo de quem as

2 Aspectos atuais da Feira de São Cristóvão podem ser vistos em <https://www.feiradesaocristovao.org.br/>

havia encomendado, fazer os ajustes, quando necessário, e, finalmente, entregar a mercadoria devidamente passada a ferro. Acumulava, também, a incessante tarefa de cuidar da casa e das crianças, o que não é pouca coisa, sobretudo, considerando-se as diversas atividades cotidianas que estão sempre a exigir atenção e esforços – arrumação dos ambientes domésticos, preparo da alimentação familiar, higiene pessoal dos filhos, lavar e passar as suas vestimentas, alfabetizá-los e ajudar nas lições de casa; cuidar dos horários de levar e buscar na escola, inventar e contar histórias, colocar para dormir e despertar...

Isso que a criança Virgínia julgava somente serem as naturais manifestações do incondicional amor materno se revelaria mais tarde, à moça Virgínia, como sendo também o efeito da perversa e famosa dupla jornada de trabalho, tão presente no universo domiciliar feminino. Dona Didi, diariamente, cerzia e entregava no colo de seus filhos os limites do mundo privado, semeando, delicadamente, em cada um, durante todas as estações do ano, o desejo de caminhar pelo fértil terreno da autonomia.

Essas histórias de costura também encontraram a história de Mailsa, cuja avó fazia partos e costurava mortalhas. Magnólia, apelido de Ester Araujo Vilella, nascida em Rio Bonito, moradora da Vila Operária, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, fazia partos, aplicava injeção e costurava. Além de tudo o que fazia em sua máquina de costura, também preparava mortalhas para as mulheres e crianças que faleciam na vizinhança.

Se a atividade de parteira, por sua vez, convertia-se nos muitos afilhados que ganhou na comunidade, era através da confecção das mortalhas que Dona Magnólia mostrava o quanto a atividade da costura estava relacionada muito diretamente tanto às questões de saúde quanto às espirituais, não sendo somente um trabalho, mas consistindo também

em um tipo de assistência solidária às famílias do bairro e adjacências. Por anos, Dona Magnólia atuou como enfermeira, líder espiritual e costureira, junto à comunidade da Vila Operária, ensinando também às filhas a arte da costura, do bordado e do crochê.

Na memória de Mailsa, é muito forte a imagem da brincadeira de carrinho na roda da correia do pedal da máquina de costura, a sapata. A criança, enroscada nas pernas da avó enquanto a avó trabalhava à máquina. Por vezes, a senhora estava ali costurando algum vestido, calça, para ela mesma, a neta.

Assim foi se construindo o argumento para o filme, articulando a potência das histórias de costura e a profundidade com que as histórias ali narradas nos afetavam e, através de nós, marcavam entre si um encontro. Decidimos, então, fazer um filme sobre costuras, já recorrendo o interesse por contar uma história em diálogo com mulheres costureiras, posto que a história da costura, nas narrativas ali compartilhadas, já enunciava tratar-se de uma história de mulheres. Pretendíamos falar da mulher trabalhadora, em seu processo de criação experimentado no cotidiano, para nós tempo-espaço de (re)invenção da vida.

Decisão tomada, iniciava-se o longo e complexo trabalho de produção. Juntaram-se a nós, nessa empreitada, os cineastas nordestinos Kennel Rógis, da cidade de Coremas/PB, e Breno Cesar, do município de Caruaru/PE, que já haviam produzido juntamente com Virgínia e Mailsa.³

Uma das nossas primeiras tarefas foi a de escolher as profissionais que seriam as pro-

3 Exemplos dessa produção: *Diabolin* (Direção de Mailsa Passos e Virgínia de Oliveira Silva, documentário, 15 min., Cor, Recife e Olinda-PE e Rio de Janeiro-RJ, 2014 – Diretor de Fotografia: Breno César e Assistente de Câmera: Kennel Rógis) – <https://www.youtube.com/watch?v=q77cVGXfUvQ>; *Adiós, Jampa Vieja!* (Direção de Virgínia de Oliveira Silva, documentário, 15 min., Cor, João Pessoa-PB, 2013 - Diretor de Fotografia: Breno César e Assistente de Câmera: Kennel Rógis) – <https://vimeo.com/74184008>; *Sophia* (Direção de Kennel Rógis, ficção, 15min., Cor, Coremas-PB, 2013 - Assistente de

tagonistas do documentário, pesquisa que orientamos a partir de critérios de familiaridade e memória. Virgínia indicou sua mãe, lembrando, em seguida, da mãe de Leontina Célia Soares, Cecília, sua amiga de juventude rondonista e cineclubista; enquanto Rita e Mailsa se lembraram da mãe de Núbia de Oliveira Santos, uma amiga em comum; e a quarta costureira foi indicada por Kennel, por ser uma costureira muito conhecida em sua cidade.

Foi assim que chegamos às quatro costureiras que dão vida ao filme: Maria Soares, conhecida como Dona Santinha, então com 91 anos, natural de Além Paraíba, Minas Gerais, mas que há muito tempo reside no Rio de Janeiro, militante do Movimento Negro e assídua participante nas manifestações políticas organizadas pelos movimentos sociais. Foi enfermeira e, já idosa, formou-se em Direito. Dona Didi, natural do Sítio Guabiraba, no município de Duas Estradas, Paraíba, com 83 anos à época, também residente, desde que se casou com o seu primo e alfaiate Virgílio, na cidade do Rio

de Janeiro/RJ. Maria da Glória dos Santos Oliveira, Dona Glorinha, à época da gravação com 68 anos de idade, moradora de Salvador na Bahia, e nascida em Castro Alves, interior do mesmo Estado, que aprendeu a costurar ainda criança, e educou os filhos “costurando para fora”. Finalmente, Antônia Carmo Pires, a Dona Toinha, que tinha 69 anos durante a produção do filme, paraibana nascida na zona rural de Coremas, cidade onde ainda reside e trabalha em seu ateliê, localizado no centro comercial que os munícipes chamam de “rua”.

Dona Ivone, a costureira que inspirou a conversa, infelizmente não pôde participar devido a problemas de saúde que se somaram à dificuldade de nossa produção em bancar os altos custos de deslocamento (passagens aéreas, transporte terrestre, hospedagem e alimentação) de toda a equipe para o Rio Grande do Sul. Por essa razão, o filme é dedicado a ela e aos demais artistas da costura que se fizeram presentes nas narrativas de nossa primeira conversa germinadora.

Figura 2: Da esquerda para a direita, acima, Dona Santinha e Dona Glorinha; abaixo, Dona Didi e Dona Toinha.



Fotos: Breno César, Acervo Projeto Cinestésico.

Direção: Virgínia de Oliveira Silva, Diretor de Fotografia: Breno César) – <https://www.youtube.com/watch?v=NSEyMQTzSR4>; *Dito* (Direção de José Dhiones, ficção, 3 min., Cor, Congo-PB, 2014 – Assistente de Direção: Virgínia de Oliveira Silva, Diretor de Fotografia: Kennel Rógis e Assistente de Câmera: Breno César) - <https://www.youtube.com/watch?v=YfvskFTAeiM>.

As filmagens

Uma vez recortado o tema central – histórias de vida e de costuras – e escolhidas as protagonistas, o trabalho voltou-se para a produ-

ção⁴ do filme e as gravações, exigindo planejar as locações e a construção de um roteiro-guia para as conversas.

Por questões técnicas e orçamentárias, decidimos realizar as gravações com as nossas personagens da forma mais condensada possível. Assim, gravamos em três locações: duas delas nas residências das duas diretoras, moradoras no Estado do Rio de Janeiro, e uma terceira locação na cidade paraibana de Coremas. No Rio de Janeiro, em uma das residências, organizamos um cenário para receber Dona Glorinha, que veio da Bahia, para iniciar as nossas gravações ouvindo as suas histórias de costura. Na outra residência, lugar onde as três costureiras se encontraram pela primeira vez, produzimos quatro ambientes diferenciados para as gravações, sendo três deles para as conversas com as três costureiras que estavam no Rio de Janeiro, e o quarto ambiente foi reservado para que todas elas pudessem conversar entre si, em torno de uma mesa.

Essas imagens, produzidas ao fim de um dia bastante cansativo, acabaram por ser descartadas na edição final do filme, talvez porque a conversa entre as costureiras, nesse primeiro encontro, ainda guardasse o tom de uma tímida descoberta/apresentação, o que destoava da profundidade com que cada uma falava da sua história.

Nos ambientes dedicados a cada uma delas, dispusemos máquinas de costura providenciadas por nós e alguns objetos de costura trazidos por elas próprias, a nosso pedido. Fiamos-nos naquilo que Armes afirma:

Ao considerarmos a imagem do vídeo, devemos ter em mente a extensão em que os seres humanos investiram credibilidade nos meios visuais. Os vários fatores técnicos e pessoais

envolvidos em qualquer ato de filmagem ou gravação significam que não podemos definir a imagem fotográfica ou videográfica como uma representação totalmente verdadeira da natureza. Todavia [...] “nós aprendemos a ver como a câmera ‘vê’”. (ARMES, 1999, p. 206)

Carretilhas, revistas de moldes, linhas, dedais, agulhas, tecidos, borrifador de óleo, peças de roupas feitas por elas, todo esse conjunto de objetos ajudou a dar um ar singular aos cenários das conversas com Dona Santinha, Dona Didi e Dona Glorinha. A terceira locação, como já dito, foi feita no próprio ateliê de Dona Toinha, com a sua máquina de costura, seus objetos de uso cotidiano e suas araras com os vestidos de festa que costuma produzir para a população de Coremas. O manuseio de um tecido vermelho foi uma estratégia que escolhemos para costurar as histórias entre elas, como uma costura comum.

Uma situação que merece destaque nesse processo de preparação das locações no Rio de Janeiro diz respeito à escolha das máquinas de costura para compor os cenários. Conseguimos o empréstimo de três máquinas e as distribuímos pelos ambientes destinados a cada uma das profissionais, associando sua antiguidade às idades das costureiras. Esse cenário, que nos parecia tão aprazível, no entanto, não encontrou entre as costureiras a mesma apreciação. Ocorre que as tais máquinas, por serem antigas, tinham seu funcionamento um tanto comprometido. Assim, as cenas em que elas ensaiavam alguma costura nas máquinas eram, para nós, diretoras, uma imagem arrebatadora, mas, para elas, um trabalho muito difícil.

Neste processo da realização do filme, Mailsa, que tinha uma máquina de costura antiga em casa, quis carinhosamente presentear Rita com a referida máquina. Em uma conversa, Rita foi desaconselhada por Dona Glorinha a aceitar: “Melhor comprar uma nova. É bonito,

4 Participaram da Produção Leontina Célia Soares e Edem Lis Soares Kemeh (filha e neta, respectivamente, de Dona Santinha), Núbia de Oliveira Santos (filha de Dona Glorinha), Cláudia Alexandre Queiroz, Débora Finamore e Martha Finamore.

mas máquina velha é pesada e dá muito trabalho”.

Esta situação nos ajuda a problematizar a relação da arte com a vida cotidiana, que, para Bakhtin (2003), corresponde a diferentes campos da cultura humana, complementares, porém irreduzíveis. No dizer do autor, a vida são os quiproquós do cotidiano e, a arte, um modo sistematizado e específico de objetivar problemáticas que a própria vida oferece. O autor afirma que o mundo capitalista e os modos de vida nele estruturados acabam por criar uma relação mecânica entre a vida e a arte, podendo afastá-las a ponto de não se ver entre elas qualquer relação, ou reduzi-las a uma única experiência, plasmada, em que não se percebe as singularidades do trabalho de produção que lhes dá existência. Independentemente disso, no entanto, não há alibi para essa postura mecânica: a falta de exigência do homem na vida cotidiana é responsável pela esterilidade da arte, bem como o artista que se isola em seu campo é também responsável pela trivialidade da vida.

Ao sinalizarem a dificuldade de costurar naquelas máquinas – algumas fora de uso –, cobraram de nós a relação entre a vida e a arte, formulando, com a simplicidade de suas experiências cotidianas, exigências para a arte que ali se produzia, de que esta não se afastasse do cotidiano. Ao mesmo tempo, indicavam que qualquer costura feita naquele cenário seria distinta daquela que marcou a história de suas vidas. O cinema, mesmo em seu gênero documentário, não é, e nem poderia ser, o real. Lembramo-nos, mais uma vez, aqui, de Armes, quando ele afirma, em relação à perspectiva (a um dado ponto de vista), que “Ela não é – e nem pretende ser – a realidade. Não é um sistema de ilusão de óptica: temos consciência da superfície (neste aspecto, difere tanto da realidade quanto de um espelho). Além disso, [...] não é neutra.” (1999, p. 206). A realidade

que se produz no cinema não é uma simples representação da vida cotidiana, mas o convite a uma forma de olhá-la, de prestar atenção a ela, de interpretá-la e de conhecer as histórias de outros a quem não conhecemos.

O roteiro que serviu de guia para as conversas partiu de algumas poucas questões comuns e bastante abertas, por exemplo: como aprendeu a costurar? Com quem aprendeu? Como era a sua primeira máquina? Quais as preferências de costura? Tais questões serviam apenas para acender e azeitar as conversas, mas, em geral, se privilegiou deixar que elas administrassem as suas narrativas. Algumas delas, mais prolixas, outras mais econômicas no dizer.

O processo de edição iniciou-se com a feitura da minutagem realizada pelas bolsistas de Iniciação Científica Danielle de Oliveira e Estela Saraiva, orientadas por Mailsa, e Juliana Viegas e Thyanne Soares, orientadas por Rita. Consideramos, com a anuência das envolvidas, esta experiência de produção cinematográfica de extrema importância para a formação de educadoras e pesquisadoras, ainda na graduação do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Seguiu-se a esse processo a revisão do copião para complementar as primeiras ideias de montagem realizadas por todas nós, diretoras, junto a Kennel Rógis, em tempos e espaços diferentes, a saber: na casa de Mailsa, no Rio de Janeiro/RJ, na casa de Virgínia em João Pessoa/PB e na Fazenda Poço das Pedras em São João do Cariri/PB. O distanciamento entre os momentos dedicados ao difícil e complexo trabalho de montagem, que exige atenção redobrada e gestos repetitivos, durante os processos decisivos de seleção de minutos e exclusão de horas de imagens e sons, dentre o imenso total de material gravado, permitiram-nos debater e decidir de comum acordo e com maior tranquilidade as opções a serem tomadas.

Lançamento e exposições

Figura 3: Diretoras e costureiras no lançamento na UERJ.



Acervo: Polifonia Filmes.

Exibir o filme primeiramente para as costureiras que o protagonizaram era para nós uma questão ética muito relevante. Devolver em primeira mão os retalhos das imagens e dos sons costurados em um produto audiovisual finalizado para aquelas que nos doaram parte importante de suas recordações, experiências e vivências, era a forma mais adequada de agradecer-lhes pela generosidade da confiança depositada em nós.

No Rio de Janeiro, *Costureiras* foi lançado no dia 8 de fevereiro de 2018, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a presença de três das quatro costureiras: Dona Santinha, Dona Didi e Dona Glorinha. Cada uma, ao seu modo, viveu essa experiência.

Nesse dia, Virgínia acompanhou sua mãe, que estava gripada, indisposta e se sentindo muito cansada, até a UERJ. Ao chegarem lá,

Dona Didi lhe confidenciou que nunca antes havia entrado na UERJ, o que em muito a surpreendeu, uma vez que, além de Virgínia ter realizado pós-doutorado ali, de 2013 a 2015, a sua irmã, Vilma, havia se formado em Nutrição naquela mesma instituição, na década de 1980, e essa questão nunca havia lhe passado pela cabeça. Além disso, Dona Didi demonstrou bastante receio ao embarcar no elevador lotado para chegar ao 12º andar onde fica a Faculdade de Educação, externando sua preocupação: não sabia o que uma mulher comum como ela poderia ter de importante para dizer em uma universidade. Virgínia procurou acalmá-la, dizendo-lhe que ela poderia ficar tranquila e falar somente se se sentisse à vontade para tal.

Dona Glorinha havia viajado de Salvador para o Rio de Janeiro. Ia ver um filme onde protagonizava sua história na universidade onde

sua filha estudara. A nora ajudara a escolher o vestido. “Eu nunca imaginei que isso que eu fazia, um dia ia ter importância” – disse Dona Glorinha à filha que cuidara dos últimos retoques e a acompanhara até o local. Uma percepção da importância do seu lugar na história social que Dona Santinha, que chegara à Universidade para o lançamento do filme acompanhada da filha e da neta, parecia já ter há algum tempo, haja vista sua participação ativa na vida política. Talvez por isso, no lançamento do filme, tenha brincado com a inusitada condição de “estrelato” que o filme apresentara a elas.

Já o lançamento na Paraíba ocorreu no mês de abril, em dois dias seguidos: o primeiro, em João Pessoa, no dia 12 de abril de 2019, no Auditório do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, organizado em parceria com o Projeto Cinestésico e o Cineclube Soy Loco por Ti América, com a presença das três diretoras e de vários familiares de Dona Toinha, e, o segundo, no dia 13 de abril de 2019, na cidade de Coremas, no Auditório do Colégio Santa Rita de Cássia, contando com a presença de Dona Toinha, de seus familiares e amigos, bem como das três diretoras.

Figura 4: Dona Glorinha, Dona Didi e Dona Santinha no lançamento de *Costureiras* na UERJ.



Acervo: Polifonia Filmes.

Figura 5: Dona Toinha ao lado das diretoras de *Costureiras* no lançamento do curta em Coremas/PB.



Acervo: Projeto Cinestésico.

Até o momento da produção deste texto, *Costureiras* teve várias exposições, nos estados do Rio de Janeiro, Paraíba, Bahia, Rio Grande do Sul e Pará.⁵ Desde a sua primeira exposição, foi ficando clara para nós a vocação do filme em evocar afetos e provocar o enlace de histórias. Dentre elas, as memórias de infância de brincar na máquina das mães, tias, avós, seja de pilotar fazendo da roda da correia a direção, seja no balanço do pedal.

São histórias de mulheres e suas crianças, as que mais têm aparecido nos debates pós-exibição. Muitas vezes a máquina aparece como um signo de identidade, independência e liberdade. Outras vezes como lugar de proteção, para onde se recolhem ao trabalho, sendo liberadas de tensões da vida familiar. Algumas histórias nos foram contadas nessa direção; vejamos alguns exemplos:

Minha mãe trabalhava como costureira, mas minha avó, mãe de meu pai, ficava vigiando o serviço dela, se ela “estava sem fazer nada” e minha mãe ficava furiosa. Então, quando meu pai chegava do trabalho ou quando minha avó nos visitava, ela se jogava pra máquina e dizia que não era pra falar com ela porque senão ela se desconcentrava. Com isso, conseguia ficar tranquila. Em dias que só estávamos nós e ela, éramos 5 irmãos, ela deixava brincar no pé da máquina e com as sobras de retalho. Eu fazia roupinhas para bonecas. (Laura – Pelotas)

5 Registro das exposições de *Costureiras*: UERJ – 08/02/2018; UFPB – 12/04/2018; Escola Santa Rita de Cássia – Coremas – 13/04/2018; CAP-UERJ – 30/07/2018; Salvador – 16/08/2018; UFPel – 24/08/2018; UFRGS – 30/08/2018; II Mostra Arandu – UFPB – Campus de Rio Tinto – PB – 27/09/2018; Extensão Ocupa Praça – João Pessoa – UFPB – 11/10/2018; Cine Olympia – Belém/PA – 25/11/2018; UFPA – I Seminário Alfabetização sem Cartilha 26/11/2018; UFPA – Faculdade de Teatro e Dança (com figurinistas) – 29/11/2018; Jaguarão – 28/01/2019; Coletivo de Costureiras da Vila de Catadores – Pelotas – 03/02/2019; Aldeia Brejinho – Baía da Traição/PB – 13/04/2019, Comemoração dos 95 anos de Dona Santinha (19/04/2019), Semana de Pedagogia da UNIRIO (2019), Colégio Newton Braga, no Projeto Saravá (09/05/2019), Comemoração dos 40 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação (junho de 2019), Projeto “Ninguém Solta a mão de Ninguém” – UERJ (27/08/2019), Escuela de Bellas Artes de Montevideo – Uruguai, (7/10/2019).

Minha mãe conta que minha avó materna era costureira e que meu avô era muito violento. Um dia, cansada daquela vida, ela fugiu de casa, lá de Alagoas e veio pro Rio de Janeiro, saiu de madrugada, carregando a máquina de costura e os três filhos. (Cláudia – Rio de Janeiro)

Minha avó também fugiu. Mas ela não pode levar os filhos porque tinha medo que o marido fosse atrás e matasse ela. Então ela fugiu levando a máquina e ficou costurando numa feira da cidade vizinha durante um ano. Costurava dia e noite. Aí ela juntou um dinheiro e comprou a casa que ficava do lado da que ela morava antes, com meu avô e os filhos. Ele tinha casado de novo. E não deixava ela falar com os filhos, ruim mesmo. Mas ela, aos pouquinhos, começou a fazer o uniforme da escola para as crianças, que era obrigado do Grupo Escolar. Ela era danada! Minha mãe conta que ela e os irmãos esperavam, sabe, o dia que ela ia na escola, tirar as medidas, depois fazer a prova, depois entregar a roupa... Ela ia no início e no meio do ano. E assim foi o jeito que ela arrumou de se conciliar com os filhos. Minha mãe guarda até hoje um uniforme desses, sempre mostrava pra gente, enquanto contava essa história. E dizia: vocês têm que ser independente. (Marta – Rio de Janeiro)

Eu vou contar uma história e no final eu vou dizer de quem se trata. A mãe era costureira, mas não queria ensinar costura pra filha, porque achava que ela merecia um trabalho que desse mais valor. A filha acabou fazendo Curso Normal e se tornando professora. Casou e levava a vida trabalhando de professora. Mas professor não se contenta, né? Professor de verdade quer sempre saber mais, fazer curso. Aí eu decidi que ia fazer Pedagogia (as pessoas riem porque ela entregou que era “a filha” da história). Ah, agora foi! Então, aí eu disse pro meu marido que eu queria fazer faculdade e ele não concordou, disse que se eu estudasse muito ia deixar dele. Ali, naquela hora mesmo, eu pensei, pensei, pensei, olhando pra ele. E juntando as forças lá do fundo do peito eu disse: “Eu ia te deixar de qualquer maneira.” E fui embora me preparar pro vestibular. Quando peguei a máquina pra levar embora, decidi: vou costurar para juntar algum dinheiro. Vocês já viram isso: uma pessoa que não sabe

costurar achando que é costureira? Pois olhe que quando eu me sentei naquela máquina, eu não sei como, mas eu sabia costurar. E hoje sou formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, com muito orgulho. (Fátima – Belém)

Gostei muito do filme porque ele valorizou as costureiras, porque costurar dá muito trabalho e ninguém valoriza. Se tem uma coisa que me deixa chateada é escutar nas formaturas que aqui se forma figurinista e não costureira. Tudo bem, eu sei que forma figurinista, mas não precisa dizer que não é costureira. A gente, que é costureira, se sente desvalorizada. Mas quem tem que costurar os figurinos é a gente. (Solange – Belém)

As histórias que o filme suscita a cada exibição são memórias dos cheiros do óleo de máquina, da textura da madeira e dos tecidos; memórias de cores, brincadeiras, sensações múltiplas de quem teve ou tem uma costureira na família e foi afetado tanto pela prática da costura quanto pela presença dessas costureiras e seus diversos apetrechos. Isso nos remete ao que Chimamanda Adichie⁶ nos chama a atenção: aquilo que conhecemos como uma “história única” é sempre incompleta. São as histórias dos cotidianos e dos afetos, as muitas histórias silenciadas é que compõem a história que nos interessa para compreender/sentir o mundo, as relações, a sociedade.

Arremates de histórias

Quer nos parecer que o encantamento do filme *Costureiras*, ou o ensinamento que recolhemos dele, advém da afirmação de que existe uma força produtiva feminina que, embora muitas vezes tenha sido invisibilizada e silenciada, na narrativa fílmica ganha visibilidade e nos oferece histórias marcantes que afetam direta e imediatamente a quem o assiste.

Como anunciou Tarkovski (2010, p. 49), “ao se emocionar com uma obra-prima, uma pessoa começa a ouvir em si própria aquele chamado de verdade que levou o artista a criá-la”. É o que temos percebido/sentido a cada exibição de *Costureiras*. Sentimos que a emoção das pessoas, ao tomarem contato com as histórias das quatro senhoras, dialoga com a nossa própria experiência e aquelas histórias, dando-lhes o acabamento, o arremate.

O filme tomou vida própria e promove encontros dos que o assistem com suas personagens e conosco, as realizadoras. Cumpre o sentido da arte de dizer às pessoas da sua humanidade. Talvez aí tenha se desenhado o chamado para que uma de nós, Rita, afetada pelo processo de produção do filme, decidisse aprender a costurar.

Certas de que este texto já provoca o leitor a buscar suas histórias com a costura e enredá-las às muitas histórias aqui contadas, queremos voltar àquela mesa em torno da qual este filme foi imaginado. Três mulheres, professoras e pesquisadoras, atuando na área de Educação em universidades públicas, signatárias da importância da dimensão estética como formação política e da potencialidade do cinema na Educação, que têm assumido a partilha da sensibilidade estética como conteúdo de formação no campo da Educação. Demarcar esses lugares parece-nos importante para evidenciar que se trata de um filme produzido no contexto da universidade pública e financiado com verba pública,⁷ através de projetos institucionais que temos desenvolvido.

Para nós, realizadoras, fica o desejo de ter contribuído para mais um conjunto de conversas com pessoas que se interessam por histó-

6 Quantos aos “Perigos da História única”, é possível acessar a palestra da escritora em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>.

7 O filme *Costureiras* contou com financiamento do Programa Cientista do Nosso Estado, da FAPERJ, e do Edital Universal do CNPq.

rias de mulheres trabalhadoras de outra geração, de outro tempo. Sensibilizar-se com um outro tempo histórico para qualificar as indagações no tempo presente: qual a história das roupas que vestimos hoje? Em que condições foram feitas? Que histórias guardam? O que a histórias de costureiras conta da história social e cultural?

Fica ainda a deliciosa imprevisibilidade da criação. Realizar o filme foi fundamental para a nossa história de formação e para a nossa vida cotidiana, no campo da produção de conhecimentos, cada uma com suas especificidades. Porém, a força pulsante do modo como ele vem tocando as pessoas tão profundamente, ao assistirem, nos emociona sobremaneira. Mais que análises ou comentários críticos – sempre bem-vindos –, o filme tem evocado memórias. É como se voltássemos àquela mesa onde as primeiras histórias se cruzaram e aquela fita, com sua métrica própria, presenteasse tanto aos que fizeram, quanto aos que assistem *Costureiras* com a justa medida da poética de nossa própria humanidade.

Referências

ARMES, Roy. Estética da imagem em vídeo. In: ARMES, Roy. **On vídeo**: o significado do vídeo nos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999. p. 201-226.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Educação experiência estética**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Filmografia

Costureiras. Direção Mailsa Passos, Rita Ribes, Virgínia de Oliveira Silva. Rio de Janeiro/Paraíba. Polifonia Filmes/Cinestésico, Documentário, 15 minutos, Cor, 2018.

Recebido em: 15.08.2019

Aprovado em: 30.09.2019

Mailsa Carla Pinto Passos é Doutora em Educação Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; vice-coordenadora do Laboratório Educação e Imagem da Faculdade de Educação da UERJ, procientista UERJ/FAPERJ e Cientista Do Nosso Estado FAPERJ até 2018. e-mail: mailsappassos@gmail.com

Rua S. Francisco Xavier 524 sala 12037F, Maracanã – Rio de Janeiro. Telefone: (21) 2334.0467

Rita Marisa Ribes Pereira é Doutora em Ciências da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; coordenadora do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea; procientista UERJ/FAPERJ e bolsista de produtividade do CNPq. e-mail: ritaribes@uol.com.br

Endereço Rua S. Francisco Xavier 524 sala 12037F - Maracanã – Rio de Janeiro. Telefone: (21) 988334427

Virgínia de Oliveira Silva é Doutora em Educação, pela Universidade Federal Fluminense e Mestre em Educação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba; coordenadora do Projeto Cinestésico – Cinema e Educação. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, Licenciada em Cinema e Audiovisual, pela Universidade Federal Fluminense e, em Letras (Português/Literaturas), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. e-mail: cinestesico@gmail.com

Endereço Centro de Educação. Cidade Universitária – João Pessoa. Telefone: (83) 32167444